

Milton Schwantes: a messianidade vai tomando forma de cruz!

Milton Schwantes: messiahship is taking the shape of a cross!

Milton Schwantes: la mesianidad vai toma forma de una cruz!

Suely Xavier dos Santos

RESUMO

Este artigo aborda o tema do messianismo sob a ótica de Milton Schwantes. Será apresentado o caminho por ele percorrido para tratar do tema messianismo e como este caminho influenciou as respectivas releituras na América Latina, especialmente no Brasil. Não há como pensar ou falar de messianismo na academia sem mencionar a proposta de Schwantes e suas releituras sobre o assunto. Ao mesmo tempo, esta proposta alimenta as comunidades de fé, no sentido de fazer proposição assertiva sobre o messianismo e seu agir em favor do pobre.

Palavras-chave: Messias; messianismo; Davi; profeta; Isaías; pobre; criança.

ABSTRACT

This article addresses the issue of messianism in the perspective of Milton Schwantes. The path taken by the author to address the issue of messianism and how this influenced the way the subject readings in Latin America, especially in Brazil. There is no way to think or speak of messianism in today's academy without mentioning Schwantes' proposal and his new understanding on the subject. At the same time, this proposal nourishes faith communities, to make assertive proposition on messianism and his action in favor of the poor.

Keywords: Messiah, Messianism, David; prophet Isaiah; poor; children.

RESUMEN

En este artículo se aborda la cuestión del mesianismo en ópticas Schwantes Milton. Deberá presentarse el camino tomado por el autor para abordar la cuestión del mesianismo y cómo esto influyó en las relecturas del tema en América Latina, especialmente en Brasil. No hay manera de pensar o hablar de mesianismo en académico sin mencionar las propuestas de Schwantes y sus lecturas sobre el tema. Si bien esta propuesta nutre comunidades de fe, para que firme la proposición en el mesianismo y su acción en favor de los pobres.

Palabras clave: Mesías; el mesianismo; David; profeta Isaías; pobres; los niños.

Introdução

Em uma gravação feita pelo professor Milton Schwantes sobre o messianismo, ele abre a sua fala descrevendo que “a alma do brasileiro é messiânica; quem não entende este povo não pode compreender o messianismo” (SCHWANTES, 2007). A partir desta afirmação, Schwantes

desenvolve seu pensamento, partindo do pressuposto de que o messias gesta a esperança no meio da população pobre e desassistida.

O estudo a respeito do messianismo bíblico adquiriu novas releituras e interpretações a partir de vários artigos de Schwantes, bem como suas aulas e palestras. O seu pensamento apontou novos caminhos interpretativos para o tema, especialmente no Antigo Testamento.

Partindo de Gênesis 49.8-12, Schwantes converge seus estudos para o surgimento do conceito de messianismo antes da monarquia israelita. Nesta bênção a Judá, Jacó projeta a esperança de um líder carismático que governará seus irmãos usando a enigmática expressão “até que venha Siló” (v. 10). Até há pouco tempo, esta frase não era conhecida, como Schwantes observa, porém em seus estudos ele descobriu que ela está ligada a um líder egípcio e foi usada por Jacó, apontando para seu filho como este “Siló/líder”. Deste modo, aqui reside um conceito messiânico que foi o ponto de partida para a concepção de messianismo, absorvida especialmente no período monárquico de Israel.

Neste sentido, o messianismo judaíta aparece em **Gênesis** 49.8-12, que, para Schwantes, é uma *composição de ditos* do 10º século a.C. Essa tradição foi guardada pelas tribos do Sul, as quais “teriam seu ‘lugar vivencial’ no encontro das tribos, seja por ocasião de ações militares conjuntas (veja Jz 5.14-18) ou de outra solenidade (veja Js 24)” (SCHWANTES, s/ data, p. 2). Assim, a expectativa de um líder perpassou vários momentos da trajetória do povo da Bíblia.

Para conhecermos melhor o messianismo e os desdobramentos de **Gênesis** 49, serão apresentados, a seguir, o olhar de Milton Schwantes para o/s messianismo/s e davidismo/s no antigo Israel e suas releituras.

Judá e Jerusalém

O tempo passou e a esperança se manteve firme. Os líderes da nação veriam esta esperança ser projetada num líder monárquico, e por isso pedem um rei (1Sm 8). A monarquia é vista, nesse momento, como o instrumento da ação de Javé no meio do povo. Com a monarquia o conceito de messias adquire contornos “institucionais”, ou seja, o líder da nação é agora o messias do povo.

A monarquia unida transcorre sob esta expectativa, que, na verdade, é assimilada e cristalizada a partir de Davi. O davidismo se torna em modelo messiânico. A partir de então surgem duas tradições distintas sobre o messianismo: uma a partir da ótica de Judá, outra de Jerusalém. Milton Schwantes analisa o contexto de cada uma destas regiões e como as tradições que dali brotaram interferiram significativamente na apreensão do conceito de messias.

Em Judá, conforme Schwantes, a agricultura e a pecuária estão próximas, uma vez que se tem “criadores de ovelhas e cabritos; havia

habitantes na Serra e no Deserto de Judá são marcados pelo pastoreio. As poucas chuvas nestas regiões dificultam a agricultura; em alguns casos havia a formação de muitos rebanhos nestas regiões (1Sm 25)” (SCHWANTES, 1989a, p. 21). Em contrapartida, também existiam aqueles que viviam na região produtiva da Sefelá. Havia até os que conjugavam os dois tipos de produção: agrícola e pastoril.

No contexto do interior de Judá, em meados do 8º século a.C., já vivenciando há um século e meio a monarquia dividida, surge o profeta Miqueias, que proclama sua mensagem contra as capitais, Samaria e Jerusalém, centros de comando da nação (Mq 1.1). Entretanto, este profeta reconhece a importância geográfica das capitais, no que se refere às transações comerciais. Conforme Milton Schwantes,

Jerusalém é indispensável. Miqueias chega a designá-la como ‘porta de meu povo’. No caso, ‘meu povo’ são os habitantes de Judá (...). Judá necessita, pois, de Jerusalém. E esta cidade é basicamente uma entidade comercial, uma ‘porta’ de chegada e de saída dos produtos: saída da produção de Judá (carnes e cereais), chegada de mercadorias internacionais. Portanto, Judá passa por Jerusalém (1989a, p. 21).

Destarte, observa-se que Jerusalém tem a sua importância para Judá, mas não como centro de culto ou de procedência messiânica. Em contrapartida, o davidismo do interior de Judá é aquele que vê Davi ainda apascentando o rebanho de seu pai em Belém. A este respeito, Schwantes descreve o seguinte:

O davidismo está vinculado à pequenez da vila de Belém, não à arrogância exploradora de Jerusalém (3.9-12). Neste sentido, não há contradição maior entre uma postura anti-Jerusalém e outra pró-Davi, pois ambas estão enraizadas na mesma realidade: têm sua origem no campesinato judaíta, do qual Miqueias é porta-voz. Os camponeses se opõem à incorporação do davidismo ao mundo cortesão da capital (1989a, p. 25).

Deste modo, encontra-se no texto de Miqueias uma importante tradição messiânica do campo, a qual o Novo Testamento também evoca, por exemplo, em João 10, quando Jesus se revela utilizando a figura do “bom pastor”. Ou ainda alguns sinóticos que descrevem o nascimento de Jesus em Belém (cf. Mt 2.1; Lc 2.4).

Em Jerusalém, por sua vez, encontram-se as tradições da *História da Sucessão de Davi*. Jerusalém é destacada por Schwantes como o lugar do surgimento de uma promessa para a dinastia davídica (2Sm 7). Nesse episódio, Natã, o profeta da corte, faz a promessa de uma dinastia sem fim para Davi. Como assevera Schwantes (2004b, p. 15): “em 2 Samuel 7, o

davidismo nasce, pois, jerosolemita e, talvez, jebusita/cananeu! Esta possibilidade diverge, por exemplo, daquela que conhecemos de Gênesis 49 ou de Miqueias 5”, uma vez que nestes últimos o davidismo nasce judaíta.

Consequentemente, fica bem demarcada a diferença da teologia judaíta e jerosolimita. Em Jerusalém, o que sobressai de Davi são suas ações bélicas. É possível perceber esta característica nos Salmos tidos como “messiânicos”. São eles: 2, 18, 20, 21, 45, 72, 101, 110 e 132¹, conhecidos também como “Salmos de Entronização”.

Assim sendo, Schwantes apresenta Jerusalém como uma cidade com ações bélicas e cosmopolita. Já em Judá, é conservada a memória de um Davi pastor, menor da casa de seu pai, cujo representante desta tradição é o profeta Miqueias. O contexto de Judá, a roça, também interfere no sentido do messianismo que dali brota.

História da Ascensão de Davi e História da Sucessão de Davi

Para tratar sobre messias e messianismo, Schwantes os lê também a partir de duas tradições bem marcantes no AT. A primeira é a *História da Ascensão de Davi* (1Sm 16 a 2Sm 5), conservada nos círculos de Judá e a segunda é a *História da Sucessão de Davi* (2Sm 6 a 1Rs 2), uma tradição de Jerusalém. Ele sistematizou esta abordagem em um artigo publicado na Revista Estudos de Religião 27, sob o título: *O Davidismo messiânico na ótica de Judá, a história da ascensão de Davi*. Nele, o autor aborda especialmente a *História da Ascensão de Davi* e as formas pelas quais esses conjuntos literários iluminam a compreensão de messianismo.

Davi é apresentado como frágil, justo e digno. Nas palavras de Schwantes, “esta História da Ascensão de Davi ao poder, em 1 Samuel 16 até 2 Samuel 5, propõe um rei; um messias que preserve as justas e dignas relações sociais” (SCHWANTES, 2004b, p. 187). Davi é aquele que vem de Belém de Judá, ou seja, do âmbito dos pastores campestres, tocador de harpa e o menor entre seus irmãos. Para Schwantes, “a *História da Ascensão* recolhe contos populares” (SCHWANTES, 2004b, p. 27).

A *História da Sucessão*, por sua vez, apresenta Davi no palácio em Jerusalém, com uma máquina de estado funcionando efetivamente. Assim, temos duas tradições conservadas no imaginário acerca de Davi: uma dos camponeses de Judá e outra do âmbito palaciano de Jerusalém.

A partir destes relatos, Schwantes trabalhou o surgimento de dois *corpus* da literatura profética que conservam e anunciam o messianismo no Antigo Testamento, um de origem jerosolimitana, e outro judaíta. Contudo, essas tradições apresentam alguns aspectos que lhes são comuns.

¹ Há uma diferença entre alguns autores quanto à enumeração dos Salmos Messiânicos, por exemplo, Schwantes observa os seguintes: 2; 18; 20; 21; 45; 72; 89; 101; 110; 132 e 144. Enquanto Alonso Schökel e Carniti apresentam a seguinte lista: 2; 18; 20; 21; 45; 72; 110; 132, há ainda Mckezie: 2; 20; 21; 45; 72; 89; 101; 110.

Tendo em vista que o Sul é marcado por memórias importantes, como, por exemplo, *Sara, Abraão, guerra santa, davidismo, a presença de Javé no Sião*, destas há que se destacar duas: *Sião e Davi*, como principais tradições religiosas do Sul.

Como descreve Schwantes (1989a, p. 21), embora se trate de memórias diferentes, Sião e Davi se complementam. Davi transporta a arca da aliança (2Sm 6) e lá, em Sião e junto à arca, recebe de Natã a promessa de eterna dinastia (2Sm 7).

Davi e Sião, uma tradição não depende da outra. Davi pode ser enaltecido sem que o Sião desempenhe papel marcante, como, por exemplo, em 2 Samuel 5, anterior à conquista de Sião. O contrário também pode ocorrer, é o que se vê em Lamentações. Nela se chora a “cidade que jaz solitária” (isto é Jerusalém) sem que o davidismo fosse alvo de grandes preocupações (SCHWANTES, 1989a, p. 22).

Há uma diferença bem marcante entre Sião/Davi e Belém/Davi. Enquanto em Sião, Davi é enaltecido como rei, e lembrado por suas incursões bélicas (2Sm 5 a 1Rs 2), na tradição de Belém, a concepção que perdura é o da fragilidade, e ainda, de um homem tipicamente do campo (Mq 5.1-5).

Mas por que tradições tão próximas se encontram, às vezes, divididas? Para Milton Schwantes (1989a, p. 22), Sião é uma tradição de Jerusalém, enquanto que Davi é uma tradição de Judá, isto é, belemita. Sua sede não é a capital Jerusalém, mas a vila de Belém. Até o Novo Testamento guardou essa memória davidita (Mt 2).

Durante muito tempo, os estudos sobre messianismo apontavam para a estreita ligação entre união e guerra. Na teologia de Milton Schwantes, o messias vem para inaugurar um tempo de paz, de justiça e de direito, sem, necessariamente, a instrumentalidade de armas para alcançar êxito. O messias é frágil, é criança, é ungido na dinâmica do Espírito que dá força de Javé para atuar e salvar o povo, como se vê em Isaías 11.1-9, que, mesmo sendo de Jerusalém, reflete a teologia de Belém.

Messianismo Isaiano

Milton Schwantes também analisou, em artigos e num comentário, textos como o de Isaías, especialmente o livro do Imanuel. Sua abordagem aponta para novidades em relação aos estudos sobre o messianismo.

Uma delas é que o nascimento do Imanuel é um evento *excludente*. *Imanuel: conosco está Deus*. A pergunta que Schwantes faz é a seguinte: quem é este “conosco”? Em sua leitura, “conosco” é o plural de eu, e neste caso, Isaías se refere a si mesmo e àqueles que continuaram fiéis ao projeto messiânico de Javé, ou seja, ele e os seus filhos (8.18). O Imanuel, neste caso, excluía as esferas de poder que não dão conta mais de sustentar projetos justos para a vida digna da população.

Schwantes também analisa o messianismo, em um de seus últimos textos sobre o tema, a partir de Isaías 11. Para ele, o messias vem das *raízes* (11.1), isto é, de Belém Efrata. A esperança de Isaías nesse contexto reflete a superação do “davidismo do poder militar por outro da fragilidade das crianças (8.18 e 9.5)” (SCHWANTES, 2003c, p. 208). É possível que este texto, mais do que romper com a dinastia davídica, rompa com o davidismo da *História da Sucessão de Davi*, ou seja, um Davi marcado por experiências de guerras e acordos.

Também neste texto, o autor analisa a *ruah*, destacando o caráter *carismático* que se apodera daquele/a que a recebe. Vê-se isso na trajetória bíblica, quando a *ruah* de Javé irrompe sobre os juízes em Israel. Segundo Schwantes,

O espírito atua nos juízes, naqueles líderes carismáticos da assim chamada “guerra santa”. Trata-se de Otniel (Jz 3.10), Gideão (Jz 6.34), Jefté (Jz 11.29), Sansão (Jz 13.25; 14.6,19; 15.14), Saul (1Sm 11.6), Davi (1Sm 16.13), Josué (Nm 27.18; Dt 34.9). Através deles, o espírito é de luta e combate, de intervenção histórica de Javé. De uns, o espírito se apossa por ocasião do combate (Jz 11.29) de outros nos preparativos para a luta (Jz 3.10)... Espírito é aí uma experiência breve, dinâmica e de impacto. Marca certa ação (SCHWANTES, 1988e, p. 9).

Eles recebem a *ruah* e têm a capacidade de vencer batalhas, agir com sabedoria diante de situações adversas, não porque possuam força em si mesmos, mas porque estão possuídos pela *ruah* de Javé. No decorrer do tempo, com a assimilação da unção para a esfera real, o carisma dele foi institucionalizado. O que era ungido para determinada ação em nome de Javé, agora se transforma em uma legitimação de poder. Para Schwantes,

... o espírito que valera para um episódio é transposto a uma situação, a um cargo. Este novo uso do termo está patente no caso de Davi. Nele, a concessão do espírito está vinculada à unção (1Sm 16.13), isto é, a uma situação contínua. (...) Com Davi, o espírito que era sopro vira instituição, o que era dinâmico passa ao estático, o que era episódio, passa a cargo (SCHWANTES, 1988e, p. 9).

Para Schwantes, o “espírito aparece preferencialmente no agir histórico de Javé. É um poder histórico” (SCHWANTES, 1988e, p. 8). O que se pode inferir que o messias será um agente na história, mas não se sabe a que tempo refere-se esta profecia.

Partindo do princípio de que o messias não está a serviço da instituição, Schwantes faz uma leitura que aproxima o messianismo isaiano e o

messianismo judaíta, de Miqueias. Ele destaca que, “nos dias de Miqueias, Isaías – ainda que falando desde a ótica cidadina, de Jerusalém – tinha uma visão semelhante sobre o futuro do davidismo. Relacionava-o ao menino (9.5), às crianças (7.14), ao rebento (11.1), ou seja: à pequenez, à fragilidade”. (SCHWANTES, 1989a, p.25) Estes aspectos apresentados por Schwantes, são claramente distantes da teologia jerosolimita, mas refletem a teologia judaíta, que resgata a tradição do carisma da unção em nome de Javé.

Destarte, Schwantes propõe a leitura messiânica que recobra a ideia de um líder tribal, ou seja, que é guiado pelo espírito de Javé. Ele é rei, porém suas ações refletem o agir de quem foi impulsionado por Javé por meio da unção, para salvar e libertar a população pobre e excluída.

Considerações

Milton Schwantes conseguiu ampliar a discussão sobre o messianismo bíblico. Nos seus últimos escritos não publicados e palestras de dois ou três anos atrás, ele desenvolveu uma teologia que sistematizou o pensamento sobre o assunto de tal forma que a compreensão do Novo Testamento ficou clara por meio de sua proposta.

Schwantes partiu de Gênesis 49, cujo messianismo nasce judaíta em forma de líder tribal. Passa para a esfera monárquica, destituindo o messianismo do caráter carismático. Com a profecia, denuncia os atos de injustiças cometidos pela elite, anunciando, assim, um messias desvinculado das esferas de poder, mas que tem traços do líder apontado por Gênesis 49. Os desdobramentos desse pensamento perpassam os séculos seguintes com Zorobabel e o anúncio de projeto messiânico baseado na releitura de Isaías e Miqueias, ou com Zacarias: “Eis aí vem o seu messias, pobre” (v. 9).

Milton Schwantes finaliza a gravação, que foi comentada no início deste artigo, com a seguinte frase: “o Antigo Testamento vai construindo um buquê de messianeidade que vai tomando forma de cruz!”. E foi assim que ele viveu e desenvolveu um pensamento messiânico para o povo pobre e excluído, mas que encontra seu lugar na história a partir da cruz.

Referências bibliográficas

- SCHWANTES, Milton. A Profecia durante a monarquia. In: BEOZZO, J.O. (Org). *Curso de Verão*. São Paulo: Paulinas/CESEP, 1988.
- _____. *O espírito faz história*. São Paulo: CEBI/CECA, 1988.
- _____. *Meu povo em Miqueias*. Belo Horizonte: CEBI, 1989. (Cadernos do CEBI nº 15).
- _____. Esperanças messiânicas e davídicas. In: *Estudos Bíblicos*, n. 23, 1989, p. 18-29.

- _____. Armas não armam tendas de paz: observações sobre Isaías 8.1-4. In: *Revista Estudos de Religião*, ano 27, n. 25, 2003, p. 207-214.
- _____. Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá – Gênesis 49.8-12 – Uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da História da Ascensão de Davi ao Poder (1 Samuel 16 até 2 Samuel 5). In: *Ribla*, n. 48, 2004, p. 25-33.
- _____. O davidismo messiânico na ótica de Judá: a história da ascensão de Davi (1 Samuel 16 - 2 Samuel 5). In: *Revista Estudos de Religião*, n. 27, 2004, p. 187-194.
- _____. ‘Ouvi, casa de Davi’, estudos exegéticos em Isaías 7.10-17. In: *Revista Estudos de Religião*, n. 19, 2005, p. 51-72.
- _____. *Messianismo na Bíblia*. São Bernardo do Campo: s/ed, 2007. 1 CD-ROM [gravado nos estúdio da UMESP].
- _____. *Da vocação à provocação*: estudos e interpretações em Isaías 6-9 no contexto literário de Isaías 1-12. São Leopoldo: Oikos, 2008, 208p.
- _____. O rei-messias em Jerusalém: Observações sobre o messianismo davídico nos Salmos 2 e 110. In: *Revista Caminhando*, v. 13, n. 21, 2008, p. 41-59.
- _____. Uma promessa de dinastia para Davi na ótica de Jerusalém: anotações sobre o davidismo de 2Samuel 7. In: *Revista Cultura Teológica*. Ano 16, n. 63, p. 9-32, 2008.
- _____. “E de suas raízes um renovo trará seu fruto”: o messias no espírito em defesa dos pobres em Is 1-5 (6-9)”. In: *Revista Caminhando*, v. 13, n. 21, 2009, p. 15-21.